



DIDEROT E A GLÓRIA: A HISTÓRIA DA *ENCICLOPÉDIA*

Fabiana Tamizari¹

RESUMO: Denis Diderot (1713-1782) participou durante vinte e cinco anos da organização e edição da *Enciclopédia* e isso resultou em dezessete volumes de texto, com um total de 71.818 verbetes, além de onze volumes de pranchas, quatro volumes de suplementos de texto e um de pranchas e dois para o índice. Durante todo esse período enfrentou uma série de problemas, a maioria deles relacionados a perseguições e proibições impostas pelo Estado e pela Igreja. Os iluministas assumem uma nova postura proposta pelos enciclopedistas frente ao conhecimento. Não se trata mais de algo definitivo e inquestionável, mas do fruto de muita pesquisa, experiência e discussão, buscando divulgar o saber e contribuir para a emancipação do indivíduo e da sociedade. Mas, para que o conhecimento tivesse essa nova face, foi necessário travar uma batalha épica e, por que não dizer gloriosa, para publicar uma obra que propunha a popularização do conhecimento e o estímulo à autonomia e ao questionamento da ordem socioeconômica vigente. Neste artigo, resgatamos a história da *Enciclopédia*, com ênfase no papel de Diderot no processo, a sua persistência, apesar de representar um determinado momento histórico, não perdeu a sua atualidade, uma vez que ainda defendemos que o ideal do filósofo seja uma realidade no século XXI.

Palavras-chave: Iluminismo; *Enciclopédia*; Diderot.

Diderot and Glory: the story of the *Encyclopedia*

Abstract: Denis Diderot (1713–1782) dedicated twenty-five years to the organization and editing of the *Encyclopedia*, resulting in seventeen volumes of text containing a total of 71,818 entries, along with eleven volumes of plates, four volumes of text supplements, one volume of plate supplements, and two volumes for the index. Throughout this period, he faced numerous challenges, most of them stemming from persecution and bans imposed by the State and the Church. The Enlightenment thinkers adopted the new stance proposed by the encyclopedists regarding knowledge. It was no longer seen as something definitive and unquestionable but as the product of extensive research, experience, and debate, aimed at spreading knowledge and contributing to the emancipation of individuals and society. However, for this new approach to knowledge to emerge, an epic—and arguably glorious—battle was necessary to publish a work that championed the popularization of knowledge and the encouragement of autonomy and questioning of the existing socioeconomic order. This article revisits the history of the *Encyclopedia*, with an emphasis on Diderot's role in the process. His persistence, though reflective of a specific historical moment, has not lost its relevance, as we still uphold the ideal that the philosopher's vision should be a reality in the 21st century.

Keywords: Enlightenment; *Encyclopedia*; Diderot.

¹ Universidade de Coimbra.



Artigo publicado em acesso aberto sob a licença Creative Commons Attribution 4.0 International Licence.



INTRODUÇÃO

Madame du Châtelet² (1706-1749), filósofa e física iluminista, na obra *Discurso sobre a felicidade*, escrita em 1749, afirma que os homens, ao agirem de forma virtuosa, podem alcançar uma tripla recompensa: a "saúde da alma", o reconhecimento dos seus pares e a possibilidade de alcançar a "estima universal" (2002, p. 15). Para Châtelet, as ações humanas visam não apenas o presente, mas também o futuro, uma vez que ultrapassar a existência e escrever o próprio nome na História é um dos objetivos mais almejados pelo homem³:

Sei que há alguma realidade no amor pela glória de que podemos usufruir enquanto estamos vivos; mas praticamente não existe nenhum herói, de nenhum gênero, que queira se despojar inteiramente dos aplausos da posteridade, da qual se espera até mais justiça do que de seus contemporâneos (2002, p. 22).

Alcançar a glória⁴ em vida e receber os aplausos da posteridade é algo que poucos mortais conseguiram. Um destes foi o filósofo Denis Diderot, editor e também um dos escritores da *Enciclopédia*, publicada entre 1751 e 1772, com dezessete volumes de texto,

² Madame du Châtelet (1706 - 1749) foi uma física e filósofa francesa, frequentadora da Corte, cuja vida foi marcada pela dedicação aos estudos. Companheira de Voltaire por muitos anos, foi a primeira mulher a concorrer a um prêmio da Academia de Ciências, em 1738, com uma dissertação intitulada "Da natureza do fogo e de sua propagação". Sua participação foi anônima, devido aos empecilhos impostos às mulheres na época. Tais preconceitos também se manifestaram quando da publicação de sua primeira obra, Instituições de física, em 1740, ocasião em que foi acusada de plágio, pois a comunidade científica da época não conseguia acreditar que as teorias ali apresentadas pudessem ter sido escritas por uma mulher. A filósofa também se notabilizou pela tradução da obra *Principia*, de Newton, para o francês, tornando-se uma especialista no pensamento newtoniano. As considerações sobre a glória apresentadas neste trabalho estão na obra *Discurso sobre a felicidade*, escrita entre 1746 e 1747, e publicada postumamente (BADINTER, 2002, p. 12 - 21).

³ Badinter afirma que no século XVIII a relação do homem com a religião foi alterada, alterando também sua relação com o reconhecimento e a felicidade. "A vontade de viver feliz aqui e agora substituiu o desejo da beatitude eterna." (2003, p. 21) Leopoldo e Silva observa que o homem moderno rejeitará o conceito cristão de felicidade, que a entende alcançável somente no âmbito da eternidade, e centrará a sua realização no sujeito e na sua ação, passando a ser este o critério de realidade, verdade e bem (2007, p. 43 e 54).

⁴ Badinter destaca que durante o século XVIII houve uma valorização da busca pela glória: "O desejo de glória ainda vai durar muito. O reconhecimento dos pares e o aplauso do público são recompensas de que não nos cansamos. Mas essa paixão, exacerbada no meado do século XVIII pelo nascimento da opinião pública, entra em choque com outras, antigas e novas. Dentre as antigas, o ciúme dos rivais, sempre prontos a estragar o prazer de desfrutar de um sucesso. Efêmera, às vezes amarga, a glória do intelectual deve estar sendo sempre reconquistada. E essa reconquista é cada vez mais difícil. O intelectual é espreitado pelos pares e o público adora destruir o que ele venerou" (2007, p.11).



com um total de 71.818 verbetes, além de onze volumes de pranchas, quatro volumes de suplementos de texto e um de pranchas e dois para o índice. Considerada símbolo e referência do movimento iluminista e patrimônio do povo francês, a obra e seu autor foram reverenciados no Pantheon com um obelisco esculpido por Alphonse Camille Terroir (1875 - 1955) e dedicado a Diderot e aos enciclopedistas, no qual consta a inscrição "Encyclopedie prepare l'idee de la revolution", valorizando os ideais iluministas no enfrentamento da ordem socioeconômica vigente no Antigo Regime. No livro de memórias da Igreja Saint-Roch onde se encontram os restos mortais de Diderot, há uma exaltação ao incansável trabalho do filósofo para a realização da Enciclopédia (FOURNIER, 2011, p. 66). No café *Procopé* reconhecido ponto de encontro de iluministas, fundado em 1689 e ainda em funcionamento, um dos salões leva o nome do filósofo. Homenagens também são encontradas nas ruas de Paris, como o Boulevard Diderot e uma escultura de bronze do filósofo, exposta no Boulevard Saint-Germain, local antes ocupado por um tribunal e uma prisão religiosa (DEUTSCH, 2011, p. 111).

O reconhecimento obtido por Diderot não se limita à sua participação na *Enciclopédia*. Ao longo de toda a sua vida o filósofo produziu inúmeras obras em áreas variadas do conhecimento - ciência, moral, política, educação. Em *Lectures de Diderot*, Jacques Proust aponta a influência da obra diderotiana em movimentos e autores contemporâneos, destacando as leituras diderotianas feitas por Schiller, Goethe e Hegel, além da sua interpretação pelos movimentos romântico, positivista e marxista. Segundo Proust, a apropriação completa de sua obra ocorreu somente após a sua morte, motivada principalmente pela curiosidade sobre os temas abordados pelo filósofo em seus escritos (1974, p. 06). Sobre a divulgação de suas obras, é importante levar em consideração o cuidado que o próprio Diderot passou a ter depois de ter sido preso, em 1749, como observa Franklin de Mattos. Segundo o pesquisador, algumas obras, entre elas *Pensamentos filosóficos*, *Jóias indiscretas*, *Pensamentos sobre os cegos* e os verbetes da *Enciclopédia* e de *Da Interpretação da Natureza*, eram destinadas ao grande público. Faziam parte de uma segunda categoria as obras para um público seletivo, principalmente os assinantes da *Correspondência literária*, filosófica e crítica, dirigida por Melchior Grimm. Segundo o comentador, foram as publicações em forma de manuscritos que garantiram a celebridade do filósofo. Entre elas



estão *Os Salões*, *Suplemento à viagem de Bougainville*, a *Religiosa* e *Jacques, o fatalista*. Já as obras em que Diderot apresentou suas teses mais ousadas circulavam somente entre seus amigos e foram publicadas postumamente. Entre elas destacam-se *O Sonho de d'Alembert*, *Paradoxo sobre o comediante* e *O Sobrinho de Rameau* (FRANKLIN DE MATOS, 2004, p. 120).

A versatilidade do pensamento diderotiano também foi reconhecida pelo sistema universitário francês, em homenagem prestada pela Universidade Paris VII, criada em 1971, que recebeu em 1994 o seu nome, como forma de valorizar os estudos multidisciplinares desenvolvidos por Diderot e também presentes na estrutura da universidade, que oferece 450 cursos que abrangem diversas áreas, entre elas artes, humanidades, medicina, direito, economia, ciências e tecnologia.

Diderot também se destacou no mundo literário. O romance *A Religiosa*, que narra os problemas enfrentados por uma mulher obrigada pela família a se tornar religiosa, foi duas vezes adaptado para o cinema, em produções francesas, de 1966 e 2013. Outra homenagem de destaque ao filósofo iluminista foi a peça *Jacques* e seu amo, uma homenagem a Denis Diderot em três atos, escrita por Milan Kundera, prêmio Nobel de Literatura. Na introdução, o autor compara a obra *Jacques, o Fatalista*, a outras obras clássicas como *Dom Quixote*, *Tom Jones*, *Ulisses* e *Ferdydurke* (1988, p. 12) e define as virtudes da obra diderotiana da seguinte maneira: "O romance de Diderot é uma explosão de impertinente liberdade sem autocensura e de erotismo sem álibi sentimental" (1988, p. 12). Estas homenagens se juntam a outras na França e no mundo, representando apenas um pequeno exemplo do que significou a iniciativa e perseverança do filósofo, que dedicou vinte e cinco anos a uma empreitada que mudou a forma de conceber e divulgar o conhecimento e se revelou uma verdadeira batalha contra os alicerces do Antigo Regime, calcado no governo absolutista e nos dogmas da Igreja, duas forças poderosas que não aceitavam ser desafiadas.

Neste artigo, nos dedicaremos a expor a história do desenvolvimento da Enciclopédia, com ênfase no papel de Diderot no processo, demonstrando, assim, as batalhas dos enciclopedistas em defesa da construção de uma obra que se propunha a popularizar o saber e contribuir para a emancipação do indivíduo e da sociedade.



Os primeiros passos

Em 1745 o impressor parisiense André François Le Breton obteve autorização para a publicação de um dicionário sobre artes e ciências. Seu objetivo era traduzir para o francês a obra inglesa *Cyclopaedia de Chambers*, publicada em Londres, em 1728, inspirada na obra *Lexicon Technicum*, de John Harris, publicada em 1704 (VÉRAIN, 2013, p. 123). Para conduzir a empreitada, Le Breton se associa a três editores: Briasson, Durant e David, e contrata como editor-chefe o abade e matemático Jean-Paul de Gua de Malves.

O abade Gua de Malves dirige o projeto até agosto de 1747, quando tem seu contrato rompido por conta de divergências com os editores. Para substituí-lo, D'Alembert e Diderot, que já participavam da obra como colaboradores, são contratados. Nesse momento o projeto inicial de tradução é abandonado e transforma-se na ambiciosa ideia de reunir em uma só obra todo o conhecimento⁵. Sobre a empreitada, esclarece Vèrain: "[...] escrever um Dicionário fundamentado das Artes, Ciências e Comércio, com uma ambição sem precedentes: reunir em oito volumes de texto e dois de placas, uma planilha detalhada de todo o conhecimento humano" (VÉRAIN, 2013, p. 124).

Esse projeto estava em perfeita sintonia com o novo papel do filósofo, que agora tomava para si a tarefa de produzir estudos que possibilitassem mudanças no modo de pensar e consequentemente alterações na sociedade, como Diderot deixa claro neste trecho do verbete "Enciclopédia":

Com efeito, a finalidade de uma enciclopédia é reunir os conhecimentos dispersos pela superfície da Terra, expor seu sistema geral aos homens com que vivemos e transmiti-los aos que virão depois de nós, a fim de que os trabalhos dos séculos passados não tenham sido inúteis para os séculos vindouros, que nossos descendentes, tornando-se mais instruídos, sejam virtuosos e mais felizes, e que não morramos indignos do gênero humano (2015, p. 158).

⁵ Wilson destaca, na biografia de Diderot, que não se pode afirmar com certeza de quem foi a ideia de o projeto deixar de ser uma simples tradução e assumir a configuração que o consagrou, porém, afirma que tanto Gua de Malves quanto Diderot tinham capacidade comprovada para tal feito: "[...] que tanto Gua de Malves quanto Diderot, sendo pessoas eruditas e imaginativas, eram capazes de conceber a ideia, sozinhos ou em conjunto, de expandir o projeto; e que Diderot, tenha ou não tenha tido a ideia antes, sem sombra de dúvidas demonstrava a amplitude intelectual necessária para sair-se bem em seu cumprimento" (2012, p. 105).



Para os enciclopedistas, portanto, só havia um caminho possível para promover a emancipação humana: a instrução. Para Souza, ao eleger a instrução como caminho, a obra expressa em suas páginas os ideais iluministas: "A instrução, libertando os homens da ignorância, libertando-os também do preconceito, do fanatismo, da superstição e da violência" (2015, p. 25).

Imbuída desse espírito iluminista, a instrução como elemento de emancipação está diretamente ligada ao exercício da razão e ao questionamento dos sistemas filosóficos e das verdades dogmáticas, como lemos neste outro trecho do verbete "Enciclopédia":

Hoje, quando a Filosofia avança a grandes passos, submetendo ao seu império todos os objetos de sua competência, quando seu tom é o dominante, e ela começa a sacudir o jugo da autoridade e do exemplo, apoiando-se nas leis da razão, não há quase obra elementar e dogmática que possa nos satisfazer plenamente. O que encontramos são produções calcadas sobre a verdade dos homens, não da natureza. Aristóteles e Platão são questionados, e chegou o tempo em que obras que ainda gozam da mais alta reputação perderão parte dela ou cairão totalmente no esquecimento; certos gêneros de literatura que, por falta de uma vida real e de costumes subsistentes que lhes sirvam de modelos, não podem ter uma poética invariável e sensata, serão negligenciados; e os que permanecerem, cujo valor intrínseco será mantido, tomarão uma forma inteiramente nova. Tudo isso é efeito do progresso da razão, que derruba todas as estátuas e reergue algumas das que foram derrubadas; aquelas dos homens raros, que ultrapassaram o seu século. Encontramos, se é permitido falar assim, contemporâneos nossos no século de Luís XIV (DIDEROT, 2015, p. 167).

Nessa nova maneira de pensar o saber, a razão é concebida como um processo para a elaboração do conhecimento e não mais como um fim. O conhecimento da natureza, por exemplo, agora assume caráter parcial. O novo filósofo concebe o conhecimento como passível de transformações constantes, e se afasta da pretensão de estabelecer verdades inquestionáveis. O verbete "Arte", de autoria de Diderot, fala dessa limitação humana: "O homem nada mais é do que um ministro ou intérprete da natureza: só entende e age na medida em que tem conhecimento, experimental ou refletido, dos seres que o rodeiam" (2015, p. 49).



Em sua análise, Diderot também adverte que os métodos devem auxiliar na busca do conhecimento da natureza e não produzir verdades inquestionáveis sobre ela:

Não hesitamos em nos entregar a essas aparências enganosas; longe de meditar sobre a validade dos princípios desses métodos, abandonamo-nos cegamente a esses guias infieis, e acreditamos ter chegado a um conhecimento exato e completo das produções da natureza, quando não temos senão uma ideia muito imperfeita de algumas de suas qualidades ou propriedades, quase sempre as menos importantes. Negligencia-se, assim, o verdadeiro meio de se instruir, que é observar cada coisa em todas as suas partes, examinar tanto quanto for possível todas essas qualidades, e determinar todas as suas propriedades (2015, p. 237).

Foi com esse espírito que os enciclopedistas desenvolveram a *Enciclopédia*, defendendo que todo conhecimento deveria passar pelo crivo da razão. Outra inovação promovida por eles foi a de se dedicarem às artes mecânicas, uma vez que não estabeleciam uma hierarquia entre os saberes e consideravam que todos deveriam ser objeto de estudo, como lemos nas palavras de Diderot, ao apresentar os efeitos nocivos da distinção entre as artes liberais e mecânicas, no verbete "Arte": "Essa distinção, embora tenha fundamento, produziu um efeito nocivo ao degradar pessoas valorosas e prestimosas (...)" (2015, p. 48), o filósofo ainda completa que muitos estudiosos afirmam: "(...) que praticar ou mesmo estudar as artes mecânicas seria se rebaixar a coisas cuja investigação é laboriosa, a meditação, ignóbil; a exposição difícil; o comércio, vergonhoso; o número, inesgotável, e o valor, mínimo" (2015, p. 48).

Para o desenvolvimento de um projeto tão abrangente, Diderot e D'Alembert defendiam a realização de uma obra coletiva, uma vez que julgavam ser impossível um único homem estabelecer um sistema de conhecimento capaz de abranger todas as nuances presentes na natureza e na sociedade. Podemos verificar esta postura no verbete "Enciclopédia", redigido por Diderot:

Um único homem, diria alguém, pode ser mestre de tudo o que existe, e dispor à vontade de todas as riquezas que os outros acumularam. Não posso concordar com esse princípio; não creio que



seja dado a um só homem conhecer tudo o que pode ser conhecido, fazer uso de tudo o que existe, ver tudo o que pode ser visto, compreender tudo o que é inteligível. Mesmo que um dicionário razoado das ciências e das artes fosse uma combinação metódica de seus elementos, e se a exposição elementar dos princípios fundamentais de uma ciência ou de uma arte pode ser um exercício de estudante ou a obra-prima de um mestre (2015, p. 159).

A obra contou com mais de 140 colaboradores identificados (PIMENTA; SOUZA, 2015, p.334). Entre eles se destacaram alguns nomes como Voltaire, Rousseau, Montesquieu, Fontenelle, Buffon, Mallet, Quesney, Turgot, D'Holbach e Jaucourt. Este último foi o maior colaborador, produzindo 17.390 verbetes (idem, p. 334). Mas não podemos nos esquecer dos artistas anônimos que contribuíram principalmente para a redação dos artigos técnicos, ligados às artes mecânicas. Com esse elevado número de colaboradores encontramos naturalmente uma divergência quanto a inúmeros pontos de vista, porém não podemos deixar de destacar que em comum todos compartilhavam de uma crítica sistemática à sociedade do seu tempo. Costa Santos ainda aponta outro traço que une os autores, a utilização de uma linguagem acessível, facilitadora da popularização da obra: "Apesar de ser uma obra coletiva, todos os autores (mais de cem) optaram por estilo simples, próprio do discurso científico, que assegurava clareza na exposição de inúmeras matérias" (SANTOS, 1989, p. 13).

O início da obra agitou a República das Letras. Tanto os círculos parisienses quanto as academias provinciais manifestaram interesse em participar da grande empreitada. Contribuir com a obra significava reiterar e cancelar um lugar junto à comunidade filosófica. Paralelamente ao trabalho de redação e edição da obra, Diderot se dedica a outras publicações⁶, que acabam por levá-lo à prisão, contribuindo com o aumento da vigilância sobre a *Enciclopédia*.

⁶ Durante o início dos trabalhos da *Enciclopédia*, Diderot produziu quatro obras. Na primeira delas, *Pensamentos Filosóficos*, escrita de forma anônima entre 1746 e 1747, para evitar a repressão, o filósofo faz duras críticas à caracterização do Deus associado a superstições e credulidades. A obra é condenada pelo Parlamento. Na obra seguinte, *O Passeio do Cético*, também de 1746, de forma anônima, Diderot volta a questionar a ordem vigente. Nela, o filósofo apresenta três discursos ou caminhos, que representam as três concepções - de Deus, da natureza e das questões morais - mais comuns na sociedade. Mesmo antes da sua publicação, a obra e o



Os primeiros volumes

Em 1750, Diderot redige o “Prospecto”, que provocou reações acaloradas na sociedade francesa. O *Journal de Trévoux*, editado pelos jesuítas, acusa a *Enciclopédia* de ser um plágio da obra de Bacon. A resposta dos enciclopedistas vem de Diderot, que faz uma defesa pública dos ideais da obra. A discussão entre os jesuítas e o enciclopedista foi o primeiro evento de uma série de discussões entre os filósofos e os membros da Companhia de Jesus, que marcou todo o desenvolvimento da *Enciclopédia*. Já como reconhecimento pelo seu trabalho, em 1751, Diderot foi admitido como membro da Academia Real Prussiana de Ciências e de Belas-Artes. Em 1752, precisamente no dia 01 de julho, é publicado o primeiro tomo da *Enciclopédia*, e D’Alembert, no “Discurso Preliminar”, discorre sobre os motivos que o levaram a editar a obra: “(...) ter um dicionário que pudesse ser consultado a respeito de todas as matérias relativas às artes e ciências e que servisse tanto para guiar os que têm a coragem de se empenhar para instruir os outros quanto para esclarecer os que se instruem por si mesmos” (2015, p. 211).

Wilson afirma que essa batalha estabelecida contra a religião e a autoridade tinha que “ser excessivamente oblíqua e indireta” (2012, p. 160). O risco de revogação do direito de publicar a obra e mesmo de prisão era uma ameaça real e bastante presente para os iluministas. Para enfrentar esse verdadeiro duelo, principalmente no campo religioso, os enciclopedistas adotaram algumas táticas, como expor as heresias da Igreja, condenar práticas pagãs com estreita analogia com o cristianismo, levantar dúvidas sobre o Antigo

comportamento “suspeito” do autor foram denunciados em uma carta escrita para o tenente geral da polícia e pelo padre da paróquia em que Diderot vivia. As denúncias foram aceitas, os manuscritos apreendidos, e a obra somente foi publicada após a morte de Diderot, em 1830. Mesmo com o aumento da observação e da repressão, Diderot continuou a produzir obras que desafiavam a estrutura vigente, como *Joias Indiscretas*, publicada em 1748. Dessa vez, por meio de uma novela, o filósofo critica o rei Luís XV e sua amante oficial, Madame de Pompadour, além de fazer referências a Paris, à ópera e aos personagens em destaque na época. A quarta obra, *Carta Sobre os Cegos*, Diderot assume definitivamente o materialismo. Os questionamentos levantados por Diderot na *Carta sobre os cegos*, acrescidos dos pontos discutidos nas outras obras aqui citadas, levaram o governo francês a emitir uma *lettre de cachet* contra Diderot, determinando sua prisão em 24 de julho de 1749. Devido ao excesso de prisioneiros na Bastilha, prisão oficial destinada aos inimigos do Estado, Diderot foi encaminhado ao Castelo de Vincennes. Ficou preso por três meses, incomunicável durante um mês. Os editores e a sua esposa rogaram às autoridades sua liberdade. Após esse isolamento, Diderot recebe autorização para circular pelo castelo e receber as visitas da esposa, dos amigos e dos editores. Sua liberdade, concedida em novembro de 1749, é resultado da intervenção dos seus editores e de uma promessa de mudança de postura. Diderot assume a autoria das obras atribuídas a ele e faz uma promessa - que não cumprirá - de não escrever contra a religião e os bons costumes.



Testamento, estimular discussões sobre a alma (idem, p. 174-177-179) e apontar os limites do conhecimento religioso. O trecho abaixo, do "Discurso", faz uma "defesa" da religião revelada e fala sobre sua "importância":

Portanto, nada mais necessário para nós do que a religião revelada que nos instrua sobre tantos assuntos diversos. Destinada a servir de suplemento ao conhecimento natural, ela nos mostra uma parte do que nos era ocultado, mas limita-se ao que nos é absolutamente necessário conhecer, o resto está vedado para nós e, aparentemente, sempre estará. Algumas verdades em que se deve acreditar, um pequeno número de preceitos que devem ser praticados, eis a que se reduz a religião revelada (D'ALEMBERT, 2015, p. 77).

Não é somente a autoridade religiosa que recebe críticas no primeiro volume da obra, o Estado também. No verbete "Aritmética Política" Diderot discorre sobre a importância do estabelecimento de cálculos precisos para a administração do governo, e sobre estes serem ignorados pelos ministros:

Aritmética política é aquela cujas operações têm por finalidade as pesquisas úteis à arte de governar os povos, tais como as do número de homens que habitam um país, da quantidade de alimento que devem consumir, do trabalho que podem fazer, do tempo que têm a viver, da fertilidade das terras, da frequência dos naufrágios, etc. Vê-se facilmente que dessas descobertas e muitas outras da mesma natureza, adquiridas por cálculos fundados em algumas experiências bem constatadas, um ministro hábil tiraria uma grande quantidade de consequências para perfeição da agricultura, para o comércio tanto interno quanto externo, para as colônias, para o curso e o emprego do dinheiro, etc. Mas, quase sempre, os ministros (abstenho-me de falar sem exceção) creem que não têm necessidade de passar por combinações e sequências de operações aritméticas: muitos imaginam ser dotados de um grande gênio natural que os dispensa de uma marcha tão lenta e tão penosa, sem contar que a natureza dos negócios não permite nem exige quase nunca a precisão geométrica. Entretanto, se a natureza dos negócios o exigisse e o permitisse, não duvido que não se chegasse à convicção de que o mundo político, tanto quanto o mundo físico, pode ser regulado, em muitos aspectos, pelo peso, número e medida (2015, p. 32).

Diderot também questiona, no verbete "Autoridade política", a intolerância religiosa e o governo absolutista, e no verbete dedicado à agricultura, a ausência do Estado na resolução dos problemas ligados à ineficiência da produção agrícola no país (2015, p. 25). D'Alembert, por sua vez, destaca, no "Discurso", que, mesmo que os soberanos não tenham



plena consciência dos seus atos, não escaparão do tribunal da História, que os julgará, destacando assim que os seus atos não estão tão isentos de juízo quanto o poder absolutista pressupunha (2015, p. 95).

A publicação desperta críticas acaloradas, tanto positivas quanto negativas, como destaca Wilson: "Amigos e inimigos se voltaram prontamente ao primeiro volume para aprender o que a *Enciclopédia* diria com respeito às complexas matérias relativas à fé religiosa." (2012, p. 173) No *Journal des Sçavants*, as críticas se dirigem ao "Discurso Preliminar", principalmente por defender as sensações como o ponto de partida do conhecimento e pelas lacônicas defesas à religião. (idem, p. 183). Já no *Journal de Trévoux*, dirigido pelos jesuítas, as apreciações foram mais abrangentes. Em outubro de 1751, suas observações eram direcionadas às críticas presentes no "Discurso" contra a retórica, base do sistema educacional jesuíta. Também se sentiram incomodados com o artigo "Aristotelismo", que julgaram ter como objetivo atingi-los. Nos meses subsequentes continuaram a dirigir sua artilharia contra os enciclopedistas. Criticavam a estrutura da obra, os lapsos de editoração e tipografia, a falta de crédito de alguns artigos e alguns pequenos plágios. O conteúdo de uma forma geral também foi criticado, em especial a falta de biografia de santos e reis, a presença de divindades pagãs e a defesa da liberdade de expressão. Já o verbete "Autoridade Política" foi entendido como uma afronta ao Estado e à Igreja.

No mesmo ano - 1752 - é publicado o segundo volume e novamente Diderot está envolvido com uma polêmica que repercutirá diretamente na obra. Em novembro de 1751 o abade Jean-Martin de Prades apresenta a tese "Na Jerusalém Celeste" à Faculdade de Teologia da Universidade de Paris, em que se propõe a responder a questão: "Quem é este sobre cuja face Deus espalhou o sopro da vida?" (BEILIN, 2011, p. 11) A tese questionava os dogmas católicos como os milagres de Cristo e a veracidade das leis de Moisés; defendia a separação da lei natural e sobrenatural, bem como do conhecimento proveniente destas fontes, por crer não haver conhecimento definitivo, uma vez que a fonte de todo o conhecimento eram as sensações, que todas as religiões arrogavam o direito de serem detentoras da verdade e que as ideias da escolástica deviam passar pelo crivo da razão (idem, p. 12). A tese foi considerada uma afronta aos princípios cristãos e no prazo de quatro



meses foi condenada pelo conselho da faculdade, pelo arcebispo de Paris, pelo Parlamento e pelo Papa. Seu autor foi obrigado a fugir da cidade e somente foi absolvido em 1754. Como o Abade Prates era colaborador da *Enciclopédia*, os efeitos da condenação da sua tese repercutiram sobre os editores. Wilson conta que começaram a circular rumores de que a tese na verdade tinha sido escrita por Diderot e D'Alembert e fazia parte de uma trama para derrubar a religião. O boato foi divulgado em dois panfletos de origem religiosa, *Les Nouvelles ecclésiastique e Reflexions d'un franciscain*. Como efeito da discussão, o censor real, Malesherbes⁷, suspendeu a distribuição da obra para que fosse feita uma averiguação dos verbetes suspeitos. Nesse episódio, os enciclopedistas haviam ganhado um opositor influente na corte, Boyer, o tutor do Delfim, que se dirigiu diretamente ao rei, queixando-se de que a obra estava contribuindo para que a religião fosse arruinada em seu reino. Com a intervenção de Malesherbes, a proibição atingiu somente o terceiro volume. Diderot foi obrigado a entregar os manuscritos. Quanto aos dois primeiros tomos não houve efeito prático, pois já haviam sido impressos e distribuídos. Malesherbes, apesar de ser responsável pela censura real, era defensor da liberdade de imprensa e, mesmo com os limites impostos pelo seu cargo, em muitas ocasiões interveio em favor dos enciclopedistas, tornando-se personagem importante para o desenvolvimento da *Enciclopédia*. Diderot considerava que sem a sua participação a obra não seria viabilizada.

Os jesuítas tentaram aproveitar-se da situação propondo-se a assumir a direção da obra, o que lhes permitiria imprimir seu ponto de vista na condução do empreendimento. Não se sabe por qual motivo a tentativa não logrou êxito, mas uma das hipóteses é de que isso tenha ocorrido graças à intervenção da Sra. Pompadour, amante do rei, que era opositora dos jesuítas e declarada defensora das artes.

Em 1753, novamente com o auxílio de Malesherbes, a proibição contra a obra foi suspensa, a despeito de pesar sobre ela uma permissão tácita e de não ter se efetivado uma

⁷ Malesherbes assumiu o cargo de censor real em 1750 e nele permaneceu até 1763. Em 1775 assumiu um cargo de ministro de Luís XVI, do qual se retirou em 1776. O seu último trabalho foi como o principal advogado de defesa de Luís XVI, nos anos 1792/93. Apesar de não ter salvo o rei, a sua intercessão foi considerada brilhante. O ardor da defesa custou-lhe a vida: durante o Período de Terror, Malesherbes foi guilhotinado, em 1794. A posteridade reconheceu a glória do censor com uma estátua à frente do Palácio da Justiça de Paris (WILSON, 2012, p. 195).



homologação pública e explícita. Os editores, buscando responder às críticas recebidas, redigem uma advertência aos leitores, assinada por D'Alembert, mas que também representa a opinião de Diderot, onde se defendem das acusações sobre a relação com o Abade Prates: "Algumas passagens fornecidas à *Enciclopédia* pelo autor de uma tese de Teologia da qual muito se falava na ocasião bastaram para que nos atribuísem essa tese, que nem sequer tínhamos lido durante o tempo em que se serviram dela para tentar nos desacreditar" (D'ALEMBERT, 2015, p. 292).

Os autores também buscaram responder às críticas referentes ao plágio ou à presença de outros textos nos artigos da *Enciclopédia*, esclarecendo que cada autor era responsável pela autoria do seu trabalho e que a existência de textos de outras obras se justificava pelo próprio caráter de composição da obra, como lemos a seguir:

A tradução de Chambers forneceu à *Enciclopédia* alguns materiais. Ora, Chambers havia recorrido não somente aos dicionários franceses, mas também a outras obras, em que os próprios dicionários franceses haviam bebido; seria fácil dar exemplos. Nesse caso, não seria de modo algum com outros dicionários que a *Enciclopédia* se pareceria diretamente, mas com as fontes comuns entre ela e esses outros dicionários. É ainda por essa razão que diversos verbetes do *Dicionário de Medicina* se encontram nos primeiros volumes da *Enciclopédia*, pois esses verbetes são extraídos inteiros de nossas obras francesas sobre a Medicina, e, além disso, a descrição de uma planta, a receita de um remédio, supondo que sejam bem-feitas, não têm duas maneiras de ser. O mesmo ocorre com um grande número de verbetes, tais como a avaliação das moedas, a explicação das diferentes peças e diferentes mecanismos de um navio, e outros semelhantes (D'ALEMBERT, 2015, p. 308).

No final da advertência, D'Alembert afirma, sobre a continuidade da obra: "Ignoramos qual será a sua sorte e não procuramos prevê-la. Pelo menos nada parece se opor à continuação da *Enciclopédia*, e certamente nada se oporá a isso, não de nossa parte" (D'ALEMBERT, 2015, p. 322). As palavras do filósofo foram válidas para a publicação dos três tomos seguintes, mas os problemas enfrentados até aquele momento seriam pequenos frente à grande tempestade que cairia sobre os enciclopedistas, em especial os seus editores, em 1757.



A glória ameaçada

Vários fatores ameaçaram a conclusão da obra. Os primeiros dizem respeito conjuntura política. Em janeiro de 1757 ocorre um atentado contra Luís XV: Robert-François Damiens, um soldado dispensado das tropas reais, fere o rei com uma navalha e, por esse motivo, é interrogado e morto. A princípio, a filiação política e os objetivos de Damiens foram postos em dúvida, e o que se segue ao atentado é uma troca de acusações mútuas entre jesuítas e jansenistas, que naquele momento disputavam a hegemonia religiosa e a influência política na França. Mas, após a execução, os dois grupos deixam de se acusar e escolhem um novo alvo que lhes interessa - os filósofos -, que passam a ser acusados de influenciadores do agressor por meio de seus "escritos subversivos e sua detestável doutrina" (BADINTER, 2007, p. 214), não respeitando a religião nem o rei. A reação do governo não tardou: no dia 16 de abril de 1757, Luís XV baixa um decreto estabelecendo pena de morte aos que escrevessem, imprimissem ou vendessem textos que atacassem a religião e a autoridade estabelecida e que, assim, perturbassem a ordem do Estado (idem, p. 214). Os problemas dos enciclopedistas estavam somente começando.

Importante lembrar que outro evento político em curso à época afetou os enciclopedistas: a Guerra dos Sete Anos (1756-1763). Nesse momento, a Prússia integrava a aliança inglesa e, portanto, era inimiga declarada dos franceses. A grande questão era o fato do soberano prussiano, Frederico, o Grande, ser um grande incentivador da *Enciclopédia* e dos seus editores, inclusive com aceitação de D'Alembert e Diderot em sua academia e com a impressão do rosto dos dois nas edições da obra no país. Os enciclopedistas também eram efusivos em relação a Frederico. D'Alembert o chamava de "Rei filósofo". Durante o período de guerra, pesou sobre os enciclopedistas a acusação de serem sensíveis às ideias estrangeiras em um momento de reforço dos ideais nacionais.

No mesmo ano é publicado o sétimo volume da *Enciclopédia*. D'Alembert é responsável pelo verbete "Genebra", no qual não se limita a uma descrição sobre a cidade-estado calvinista, mas também faz elogios e críticas ao seu governo. O trecho a seguir se refere à proibição que a cidade impunha aos espetáculos:



A comédia não é permitida em Genebra. Não tanto por se reprovarem os espetáculos em si mesmos quanto por se rezear, segundo se diz, o gosto por adereços, pela dissipação e pela libertinagem, que as trupes de comediantes disseminam entre a juventude. Mas não seria possível remediar esse inconveniente com leis severas e bem executadas, sobre a conduta dos comediantes? Desse modo, Genebra teria espetáculos e costumes, e gozaria da vantagem de ambos: as representações teatrais formariam o gosto dos cidadãos e lhes dariam uma fineza de tato, uma delicadeza de sentimentos que dificilmente poderia ser adquirida sem esse auxílio; a literatura prosperaria, sem que a libertinagem progredisse, e Genebra reuniria à sabedoria da Lacedemônia a polidez de Atenas (2015, p. 158).

D'Alembert também critica indiretamente Calvino: "Calvino, jurisconsulto hábil e teólogo tão esclarecido quanto é possível para um herético, elaborou, juntamente com os magistrados [...]" (2015, p. 154) Além disso, afirma serem os calvinistas filiados ao socinianismo, como lemos no trecho a seguir: "Em suma, muitos pastores de Genebra (...) rejeitam por completo os chamados mistérios e imaginam que o principal princípio de uma verdadeira religião é não conceder à crença nada que possa ferir a razão" (2015, p. 154).

Na visão D'Alembert, a associação entre a religião calvinista e a razão constituía um elogio e um reconhecimento. Em algumas passagens o filósofo faz uma série de observações positivas sobre a cidade. Mas o governo de Genebra considera tal associação uma ofensa à sua condição religiosa e ameaça formalizar uma queixa ao governo francês, o que não se concretiza. Em lugar disso, apenas foram enviadas duas cartas aos editores, solicitando-lhes uma retificação. D'Alembert lhes responde que os pastores o entenderam mal e que em nenhum momento deixara de associá-los ao cristianismo. Diderot afirma não ser autor do verbete, mas diz solidarizar-se com as queixas dos genebrinos e aceitá-los como representantes do cristianismo.

Entretanto, as reações não se restringiram ao governo genebrino. Rousseau, membro influente da República das Letras, nascido na cidade de Genebra, decide se posicionar quanto às observações do editor da Enciclopédia, escrevendo um documento conhecido como *Carta a D'Alembert*. Nela, refuta a definição da religião genebrina como um socinianismo, questionando quais fontes D'Alembert usara para chegar a tal afirmação: "Ouso perguntar a V.Sa. como ficou sabendo disso. Só pode ter sido através de suas próprias



conjecturas, ou através dos testemunhos de outrem, ou pela palavra dos pastores em questão" (2015, p. 38). Rousseau rejeita conjecturas a respeito de dogmas, por considerar ser assunto entre cada homem e sua crença e afirma que, muitas vezes, o estabelecimento de rótulos pode levar a perseguições e condenações desnecessárias. O documento ganha força por conta da discussão sobre o teatro, anunciada já na apresentação como seu objetivo principal. O filósofo genebrino defenderá veementemente a proibição da exibição de espetáculos em sua cidade natal e, como destaca Franklin de Matos, assim estabelece "mais um de seus estarrecedores paradoxos" (2015, p. 08). Para ilustrar o posicionamento de Rousseau, citaremos uma de suas críticas:

Lançando um primeiro olhar sobre essas instituições, vejo inicialmente que um espetáculo é um entretenimento; e se é verdade que o homem precisa de entretenimentos, V. Sa. há de convir pelo menos que eles só são permitidos enquanto necessários, e que toda diversão inútil é um mal, para um ser cuja vida é tão curta e cujo tempo é tão precioso. A condição de homem tem seus prazeres, que derivam de sua natureza, e nascem dos trabalhos, dos relacionamentos, das necessidades; e esses prazeres, tanto mais doces quanto mais são a alma de quem os frui, tornam aquele que deles sabe gozar pouco sensível a todos os outros prazeres. Um pai, um filho, um marido, um cidadão têm deveres tão caros a cumprir que não lhes deixam nada a subtrair ao aborrecimento (2015, p. 44).

Em 1759 D'Alembert publica sua resposta a Rousseau e a discussão se transforma em uma cisão pública entre os iluministas. Rousseau era um enciclopedista, responsável por inúmeros verbetes e, ao criticar abertamente seus pares, ajudava a alimentar o clima hostil contra os filósofos e abria espaço para especulações sobre o rompimento dos laços que os uniam.

Em 1757 Diderot iniciara sua incursão no mundo do teatro, com o lançamento da peça *O Filho Natural* e, no ano seguinte, com *O Pai de Família*. As duas foram representadas em ordem inversa à de sua criação - *O Pai de Família* em 1761 e *O Filho Natural* em 1771 – e representavam um gênero teatral inédito, denominado "comédia lacrimosa", não inventado por Diderot, mas do qual ele se apropriara (WILSON, 2012, p. 300). Além de lançar um novo gênero, as peças também encarnavam os valores, a moralidade e as verdades da burguesia



em ascensão (idem, p. 301). O filósofo reforçava o papel do teatro como um agente de transformação social. Badinter afirma que, para Diderot, o teatro precisava "comover o povo e sacudir sua sensibilidade, para modificá-la" (2007, p. 220). Sobre esta questão é importante observar que Diderot pensa exatamente o oposto de Rousseau, o que aumenta a tensão entre os dois amigos e se torna um dos motivos de seu rompimento, além de reforçar pontos de discórdia entre outros filósofos.

As incursões de Diderot no teatro causam polêmica. O fato de encenar um novo gênero provoca um debate acirrado entre seus críticos e seus apoiadores. Ainda maior repercussão tem a acusação de plágio que pesa sobre a obra *O Filho Natural*. Wilson destaca que a obra diderotiana havia sido inspirada, até sua metade, pela obra *O verdadeiro Amigo*, do dramaturgo veneziano Carlos Goldoni, encenada pela primeira vez em 1750. Apesar da similaridade, Wilson ressalta que os gêneros são diferentes, a condução da história e os objetivos também e que, inclusive, à época, era sabido que o próprio Goldoni havia se inspirado nos personagens de Molière (2012, p. 313). O biógrafo esclarece que o plágio tinha um peso diferente do de hoje nos séculos XVII e XVIII e conta que o próprio Goldoni se ressentiu mais por Diderot ter chamado sua peça de farsa do que por ter se utilizado dos seus personagens (2012, p.314). Porém, o episódio alimentou a oposição aos enciclopedistas. Entre seus maiores opositores está Élie-Catherine Fréron (1718-1776), autor do *Année Littéraire*. Motivado por causas pessoais e ideológicas, dedicou grande parte da sua produção intelectual à crítica dos filósofos e dos seus princípios. Nesse episódio de plágio, Fréron utiliza toda sua artilharia para atingi-los. Num primeiro momento, com o objetivo de denunciar o plágio, redige uma carta em nome de Goldini, elogiando a adaptação da peça, mas reclamando da alteração do título. O procedimento é barrado pelo censor Malesherbes e Fréron, então, adota uma nova tática, a de publicar os dois textos em sua sequência original - primeiro *O Filho Natural* e depois *O Verdadeiro Amigo*. Os efeitos são devastadores. Badinter escreve, sobre o acontecido: "A Revelação de Fréron é um presente inesperado para os inimigos da *Encyclopédie*. Ao desmascarar um dos seus diretores, ele justifica a posteriori todas as críticas de mesma ordem feitas ao dicionário" (BADINTER, 2007, p. 223).



Fréron também incentiva fortemente Charles Palissot de Montenoy (1730-1814) a publicar, em novembro de 1757, *Pequenas cartas sobre grandes filósofos*, obra em que acusa os enciclopedistas de formarem uma "seita de fanáticos insuportáveis" e de não produzirem conhecimento e somente se apoderarem de velhas ideias, além de declarar considerar todos eles, com exceção de Voltaire e Montesquieu, charlatões. As quatro cartas foram devidamente destacadas por Fréron e fortaleceram a campanha negativa contra os filósofos.

A aliança entre Fréron e Palissot contra os filósofos também se faz presente na montagem da peça *Os Filósofos Modernos*, encenada em abril de 1760, verdadeira obra de zombaria. O personagem baseado em Rousseau entra em cena de quatro, mascando alface, e o inspirado em Diderot é um desonesto. Nem as mulheres são poupadas: a Sra. D'Épinay e a Sra. Geoffrin são retratadas como tolas que recebem em seus salões.

Aos ataques de Fréron se unem outros, constituindo uma verdadeira campanha contra os enciclopedistas, que conta também com a adesão dos jansenistas – descontentes desde 1755 por conta do quinto tomo da obra -, com as *Nouvelles ecclésiastiques*.

Em 1757 os jesuítas abrem uma nova frente com a publicação de um periódico dedicado ao Delfim - *A Religião Vingada* ou *Refutação dos Autores Ímpios* -, obra que objetiva denunciar os inimigos do trono e do altar. Na lista dos seus maiores inimigos constava Rousseau, Diderot, D'Alembert, Voltaire e os demais filósofos iluministas.

Surgem inúmeros panfletos e documentos em oposição aos escritores da *Enciclopédia*. Entre eles, o panfleto humorístico *Cacouacs*, nome formado pela palavra grega "kakos" e a sílaba humorística "couac", que pode ser traduzido como "sofistas ridículos", e que aparece, pela primeira vez, em outubro de 1757, no jornal *Mercure de France*, em um texto anônimo denominado "Informação útil", em que os filósofos são apresentados como uma nova tribo selvagem que, por trás dos traços civilizados, espalham veneno com o objetivo de disseminar o mal, a covardia e a corrupção. Mais tarde o advogado Jacob- Nicolas Moreau incorpora o termo na obra *Nova Dissertação para servir à história dos Cacouacs*, que deu continuidade à exposição e condenação dos enciclopedistas, tratando Rousseau, Diderot, D'Alembert e Voltaire como criaturas caricatas e ridículas.



Pressionado pelo clima hostil e pelas críticas, em janeiro de 1758 D'Alembert decide abandonar a Enciclopédia, assim como outros colaboradores, entre eles Rousseau e também Voltaire, que pede a devolução dos seus manuscritos. Diderot segue com a obra, apesar de toda a oposição e perigo que isso significava. Em uma carta para Voltaire, o enciclopedista diz: "O que convém à gente de coragem: desprezar os inimigos, persegui-los, e nos aproveitar, como fizemos, da imbecilidade de nossos censores. [...] É honesto enganar a esperança de quatro mil assinantes, e não termos obrigações nenhuma com os livreiros?" (DIDEROT, apud WILSON, 2012, p. 330)

A persistência de Diderot ainda enfrentaria mais obstáculos. O primeiro, a condenação pelo Parlamento da obra *O Espírito*, de Helvétius, em 1758. Apesar do autor não ter nenhuma ligação direta com os enciclopedistas, a publicação da obra foi ligada diretamente aos filósofos, inclusive com acusações de que os editores da *Enciclopédia* eram responsáveis por alguns trechos, provocando a fúria da Igreja e do Estado. Os motivos dessa reprovação estão diretamente ligados à sua defesa de uma moral sem Deus, construída sobre as ideias da psicologia experimental. Para exemplificar o impacto das ideias de Helvétius, selecionamos alguns trechos da obra. Já no prefácio o autor declara a "novidade" do seu estudo: "O objeto que me proponho examinar nesta obra é interessante e até novo. Não se considerou, até hoje, o espírito a não ser sob alguns aspectos" (HELVÉTIUS, 1973, p. 179). Na sequência, ele explica sua metodologia, diretamente ligada à física experimental, para o estudo do espírito: "Os princípios que estabeleci sobre este assunto estão, penso, de acordo com o interesse geral e a experiência. Foi pelo fato que cheguei às causas. Julguei que se devia tratar a moral como todas as outras ciências, e fazer uma moral como uma física experimental" (idem, p. 179). Para contribuir com a polêmica, Helvétius ainda critica o conhecimento produzido pela Igreja sobre o tema:

Antes de proceder a qualquer exame neste tema, perguntar-se-me-á talvez se estas duas faculdades são modificações de uma substância espiritual ou material. Esta questão, outrora discutida pelos filósofos, debatida pelos Doutores da Igreja e atualizada em nossos dias, não entra necessariamente no plano de minha obra. O que tenho a dizer sobre o espírito está igualmente de acordo com cada uma das duas hipóteses. Observarei apenas a este respeito que se a Igreja não



houvesse fixado nossa crença sobre este ponto, e se devesse, unicamente pelos esclarecimentos da razão, elevar-se até o conhecimento do princípio pensante, não se poderia deixar de convir que nenhuma opinião deste gênero é suscetível de demonstração (HELVÉTIUS, 1973, p. 183).

As proposições de Helvétius causam reações imediatas após a publicação da obra. Em agosto de 1758 o Conselho do Rei revoga o privilégio e proíbe a venda do livro. No mês de novembro a obra é condenada pelo bispo de Paris, a Sorbonne e o Parlamento preparam suas acusações e o assunto chega ao Vaticano, que também organiza a sua condenação. Como forma de defesa, Helvétius apresenta três retratações, que são consideradas humilhantes pelos iluministas e em nada modificam a sua situação. No início de 1759 a obra é condenada pelo Parlamento, pela Sorbonne e pelo Papa, que determina que ela deve ser queimada, o que acontece em 10 de fevereiro. Além da condenação, a obra foi incluída no Index, o que significava que os católicos que fossem detentores da obra poderiam ser condenados à excomunhão.

Como afirmamos anteriormente, mesmo sem ligações diretas, a condenação da obra de Helvétius atinge a *Enciclopédia*. Em 08 de março Malesherbes revoga o privilégio da obra e proíbe a venda dos exemplares já lançados. No decorrer do ano, Malesherbes, que sempre atuara em defesa da obra, mantém sua postura: avisa Diderot de que a polícia promoveria uma busca em sua casa atrás de papéis suspeitos, então libera uma autorização tácita para a publicação dos últimos volumes, desde que fossem lançados de uma única vez. Também aprova a publicação dos volumes dedicados a gravuras.

O término de uma saga

Os últimos volumes são preparados de forma silenciosa e para a conclusão da tarefa Diderot conta com a ajuda inestimável de dois colaboradores que não o abandonaram: o cavaleiro de Jaucourt e o Barão de Holbach. Há uma última tentativa vã de fazer com que D'Alembert participe novamente, mas ele se compromete somente com a parte da matemática.



Os filósofos retomam seu prestígio com a volta de Voltaire à Paris, em 1760. Além de publicar panfletos, entre eles o célebre *Pobre Diabo*, que ataca os principais inimigos do partido dos filósofos, ele também usa o teatro para impor a Fréron e Palissot uma humilhação pública com a montagem da peça *A Escocesa*, uma tradução e adaptação de uma obra inglesa. Voltaire cria um personagem com o nome de Frélon, que é retratado como um jornalista frívolo que por dinheiro difama e elogia, além de atuar como espião da polícia. Para Badinter, a peça foi uma defesa pública dos filósofos: "Caricatura do traidor mais odioso, o personagem é a réplica dos que haviam sido levados ao palco por Palissot. Como o prefácio do texto publicado põe nas nuvens Diderot e a *Enciclopédia*, todo mundo entende que Voltaire é o vingador dos filósofos" (2007, p. 278).

Ainda na conclusão da obra, Diderot enfrentará uma última decepção, em 1764, ao descobrir que Le Breton, um dos livreiros responsáveis pela obra, fizera uma censura prévia nos últimos dez volumes sem o seu conhecimento, para obter a aprovação da censura. O duro golpe teve que ser assimilado pelo enciclopedista.

Em 1766 são entregues os últimos volumes e em 1772 os últimos volumes de pranchas, e assim chega ao fim o grande empreendimento do século das Luzes. Isso, entretanto, não encerra a produção do filósofo, que continuará a escrever sobre os mais variados temas, sempre de um ponto de vista vanguardista, como podemos constatar em obras como *Diálogo entre D'Alembert e Diderot*, *O Sonho de D'Alembert*, *Continuação do Diálogo*, *Sobre as Mulheres*, *Suplemento à viagem de Bougainville ou Diálogo entre A e B e Colóquio com a Marechala*.

A conclusão da obra significou, para Diderot, o encerramento de um ciclo, marcado por todas as espécies de vicissitudes, como ele expressa neste trecho da nota dos editores, de 1763:

De todas as perseguições que, em todos os tempos e em todos os povos, foram sofridas pelos que se dedicaram à sedutora e perigosa emulação de inscrever seus nomes na lista de benfeitores do gênero humano, não há quase nenhuma que não tenha sido dirigida contra nós. Experimentamos tudo o que a história nos transmitiu sobre a perfídia da inveja, da mentira, da ignorância e do fanatismo. No espaço de vinte anos consecutivos, quase não pudemos contar com alguns instantes de repouso. Após jornadas inteiras consumidas num trabalho ingrato e contínuo,



quantas noites passadas na expectativa dos males que a maldade procurava nos causar! Quantas vezes nos levantamos sem saber se, cedendo aos gritos de calúnia, não deveríamos nos separar de nossa família, de nossos concidadãos, e ir para um céu estrangeiro procurar a tranquilidade da qual tínhamos necessidade e a proteção que nos ofereciam! Mas nossa pátria era-nos cara, e sempre havíamos esperado que a prevenção cederia o lugar para a justiça. Esse é, aliás, o caráter daquele que visa ao bem e que dá ele mesmo o testemunho disto, que se irrita com os obstáculos que se lhe opõem, enquanto sua inocência lhe esconde ou o faz desprezar os perigos que o ameaçam. O homem de bem é suscetível de um entusiasmo que o mau não conhece (2015, p. 327).

Ao avaliar os resultados da empreitada, Diderot destaca os anos dedicados a ela: "Se somarmos os anos de nossas vidas que se passaram desde que projetamos nossa obra aos que consagramos à sua execução, ver-se-á que vivemos mais do que nos resta viver" (2015, p. 331). Ele deposita nas mãos da História a avaliação da sua dedicação e o valor do seu trabalho: "Mas teremos obtido a recompensa que esperávamos de nossos contemporâneos e de nossos descendentes, se um dia disserem que não vivemos inutilmente" (idem, p. 331). Nós, testemunhas dos efeitos produzidos pelos esforços dos enciclopedistas, em especial de Diderot, temos certeza de que é merecida a glória que hoje lhes é rendida.

Referências

BADINTER, E. "Introdução". In: CHATELET, G.E.T.B. *Discurso sobre a felicidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. *As paixões intelectuais: exigência de dignidade 1751-1762*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

_____. *As paixões intelectuais: a vontade de poder 1762-1778*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BEILIN, A. *Denis Diderot: la culture et l'éducation*. Paris: Scérén, 2011.



- BOMBART, M. “L’écritain à as table de travail: la genèse conflictuelle d’um best- seller”. In: DIDEROT, D.; D’ALEMBERT, J. R. *Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*. Paris: Éditions Gallimard, 2008.
- CARPENTIER, J.; LEBRUN, F. *Historie de France*. Paris: Éditions du Seuil, 2000.
- CHAGNIOT, J. *Nouvelle histoire de Paris: Paris au XVIII siècle*. Paris: Diffusion Hachette, 1988.
- CHATELET, G.E.T.B. *Discurso sobre a felicidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- COMBEAU, Y. *Louis XV: l’inconnu bien-aimé*. Paris: Belin, 2016.
- COSTA SANTOS, M. “Diderot e a filosofia dos saltos e solavancos”. In: DIDEROT, D. *Da interpretação da natureza e outros escritos*. São Paulo: Iluminuras, 1989.
- DEUTSCH, L. *Próxima estação, Paris: uma viagem histórica pelas estações do metrô parisiense*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- DIDEROT, D.; D’ALEMBERT, J. R. *Enciclopédia ou Dicionário razoado das ciências, das artes e dos ofícios*. São Paulo: Editora Unesp, 2015.
- FOURNIER, J. F. *Saint-Roch*. Paris: Association des amis des ouvres et des écoles de Saint-Roch, 2011.
- HELVÉTIUS, C. A. *Do espírito*. São Paulo: Abril, 1973.
- KUNDERA, M. *Jacques e seu amo: homenagem a Denis Diderot em três atos*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1988.
- MATOS, L. F. F. *A cadeia secreta*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- MOLIÈRE, J. B. P. *O doente imaginário*. São Paulo: Editora 34, 2011.
- PIMENTA, P.; SOUZA, M. G. “Dados gerais sobre a enciclopédia”. In: DIDEROT, D.; D’ALEMBERT, J. R. *Enciclopédia ou Dicionário razoado das ciências, das artes e dos ofícios*. São Paulo: Editora Unesp, 2015.



PROUST, J. *Lectures de Diderot*. Paris: Librairie Armand Colin, 1974.

_____. *Diderot et l'Encyclopédie*. Paris: Albin Michel, 1995.

ROUSSEAU, J. J. *Carta a D'Alembert*. Campinas: Editora UNICAMP, 2015.

VÉRAIN, J." J'encyclopédise comme um forçat" In: DIDEROT, D. *L'Encyclopédie: 50 articles fondamentaux*. Paris: Éditions Mille et une nuits, 2013.

WILSON, A. *Diderot*. São Paulo: Perspectiva, 2012.